

IMPLICAÇÕES SOCIOECONÔMICAS DA CANA-DE-AÇÚCAR PARA O MUNICÍPIO DE SÃO FELIPE – BA

Adilma Sena¹, Robson Rui Cotrim Duete²

Em São Felipe as culturas da mandioca e cana servem de matéria-prima para produção de subprodutos às quais foram agregados valores, o que de certa forma favorece a comercialização, podendo ampliar a receita líquida do agricultor familiar. Entretanto, pouco ou nenhum estudo foi realizado naquele cenário, o que possibilitaria conhecer mais profundamente aquela realidade e, mais especificamente, o potencial e as limitações predominantes, para à partir destas informações intervir de forma mais adequada, buscando corrigir um déficit histórico do poder público com relação aos atores do processo foco deste estudo. Por isso, com o objetivo de descrever e entender a importância socioeconômica da cana-de-açúcar, para parte dos agricultores familiares e para a comunidade saofelipense, realizou-se o presente estudo. Refere-se a uma pesquisa documental e ao mesmo tempo observacional, com caráter quantitativo e qualitativo. Parte do estudo foi realizada na zona rural do município de São Felipe, nas comunidades de Barlavento, Caboclo, Patiobinha, Copioba-Mirim, Barro, Pitinga e Boa-Vista. As demais atividades foram efetuadas em sites oficiais do Governo Federal, como o do IBGE. Foram coletados dados à partir de entrevistas (sem a utilização de roteiros com perguntas) com funcionários da Secretaria de Agricultura Municipal, Agente de Desenvolvimento do Banco do Nordeste do Brasil e Produtores Rurais. As fontes dos dados foram: Documentos impressos à partir de sites disponíveis na internet e, aqueles obtidos à partir das entrevistas, foram anotados em uma caderneta de campo. Embora a cana-de-açúcar seja a segunda cultura mais cultivada naquele município (453 ha), ela apresenta um valor de produção próximo ao da mandioca. Em algumas unidades agroindustriais que produzem todos os subprodutos da cana, são produzidas 10 t / mês de rapadura, 2 t / mês de açúcar mascavo, melão 5 t / mês de melão e 1500 l / mês de cachaça de cana. Em outra agroindústria, especializada na produção de cachaça, produz-se 1000 l / dia de cachaça de melão, embora em alambiques pequenos se produza até 300 l / dia de cachaça de melão. Porém, alguns aspectos nesta cadeia produtiva, são indesejáveis pois, os agricultores familiares que cultivam a cana e que não possuem engenhos, revendem a sua produção naquelas agroindústrias, que fabricam o melão, e pagam ao fornecedor de cana, com metade do melão produzido, havendo engenhos que descontam, destes 50% de melão pago ao produtor, o custo com o transporte. Por outro lado, a maioria dos proprietários de engenho revende o melão produzido aos proprietários de alambiques, que adquirem tal subproduto pelo custo de R\$1,20 / litro (preço atual), enquanto a cachaça produ-

¹Licenciada em Geografia / FAMAM adylmasena@gmail.com.

²Professor Adjunto e Orientador da Faculdade Maria Milza – FAMAM; Pesquisador da Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola S.A – EBDA.

Parte da monografia do primeiro autor, para obtenção do título de Licenciada em Geografia.

zida é comercializada no alambique por R\$ 4,00 / litro e no comércio por R\$ 5,00. Há nesta cadeia produtiva uma relação desfavorável no que diz respeito agricultura familiar e agroindústria, havendo uma forte relação de dependência dos agricultores familiares, não proprietários de engenhos, que ficam a mercê das agroindústrias.

Palavras-chave: Agricultura familiar; cana-de-açúcar; cadeia produtiva.